

## Arte e discurso da oração na obra de D. Gaspar de Leão, primeiro arcebispo de Goa

Ao tempo do Cardeal D. Henrique, reuniram-se em Portugal as condições sociais e mentais para uma ampla divulgação das vias da perfeição cristã. Estas abordagens ao sentido da prática religiosa no seio do Catolicismo adquirem uma significância particular, ao longo do século XVI, por terem prescrito, a todos os estados sociais, um aprofundamento dos preceitos religiosos e, por consequência, uma reelaboração das posturas vivenciais modernas.

Prologando as proposições interioristas da literatura mística nórdica, textos como *Exercitatorio de la vida espiritual* de Garcia de Cisneros ou, mais tarde, o *Tratado da Oração* de S. Pedro de Alcântara e o *Tercer Abecedário Espiritual* de Francisco de Ossuna codificaram a prática oracional, reforçando-a entre os leigos num contexto íntimo e complementar ao contexto litúrgico. O carácter prático e esquemático destes discursos demonstra uma clara intenção de a introduzir de forma mais eficaz e frequente no atarefado quotidiano dos leigos. Dando especial enfoque à oração mental, a religiosidade reocupava nas consciências um espaço que as novas preocupações mundanas lhes tinham retirado.

Neste sentido, as navegações e o comércio marítimo terão, ao mesmo tempo, desafiado e reforçado as práticas piedosas nos espaços citadinos portugueses. Se o comércio e a navegação ocupavam as consciências com assuntos mundanos, também levavam os homens a procurar a protecção e a segurança que a prática religiosa lhes podia conferir num contexto privado.

Silva Dias esboçou os termos em que devem ser entendidas estas práticas piedosas interioristas do século XVI no seu bem conhecido *Correntes de Espiritualidade*<sup>1</sup>. O *Norte de Idiotas* de Francisco Monzón, o *Livro de Doutrina Spiritual* de Francisco Sousa Tavares e o *Livro de Oração* de Frei Luís de Granada são aqui vistos como corolários desta perspectivação da religiosidade, que Silva Dias designou como “pietista”, testemunhando o cultivo da oração mental

---

<sup>1</sup> José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes do sentimento religioso em Portugal - séculos XVI e XVII*, Coimbra, 1960.

e das vias afectivas entre leigos neste período, em detrimento das vias exteriores e intelectualistas.

A obra de Gaspar de Leão testemunha esse facto religioso e cultural no contexto português, mas indicia também a tentativa de exportá-lo para o contexto das navegações e do padroado português do Oriente. Conjugado com as responsabilidades pastorais do primeiro arcebispo de Goa, este facto confere à sua obra um carácter particular. No presente estudo, examinaremos as modalidades em que o tema da oração surge tratado na obra de Gaspar de Leão e procuraremos analisar brevemente as intenções e as consequências desse postulado. As obras em apreciação serão o *Compêndio Spiritual da Vida Cristã* (1561) e o *Livro chamado Desengano de Perdidos* (1573).

O *Compêndio Spiritual da Vida Cristã* é uma cartilha de doutrina cristã destinada à Cristandade de Goa. A vocação pastoral deste texto encontra-se explícita no «Proémio», onde, recorrendo à figura do «hortelão», o Arcebispo discorre, em termos gerais, sobre as funções do prelado. Porém, não encontramos, em todo o *Compêndio*, qualquer referência ao contexto goês em particular, nem se verifica qualquer adaptação dos termos doutrinários e dos preceitos à realidade de além-mar. Apesar de o único exemplar deste livro que chegou até aos nossos dias ter sido impresso em Coimbra e datar do ano de 1600, não são referidas no frontispício ou na introdução quaisquer alterações ao corpo de texto.

Na verdade, o alheamento em relação às especificidades do rebanho goês dever-se-á sobretudo ao facto de o arcebispo não ter ainda conhecimentos suficientes sobre esta realidade, uma vez que o texto terá sido impresso em 1561 e D. Gaspar terá chegado a Goa nos finais de 1560. A hipótese mais sustentável será a de que o Arcebispo redigiu este texto antes mesmo de chegar a Goa.

Sabe-se, porém, que o *Compêndio Spiritual* seguiu para Lisboa a acompanhar uma carta dirigida à Coroa<sup>2</sup> e apontamentos da Mesa de Consciência. O Arcebispo demonstra, assim, a preocupação de informar a Coroa sobre as suas diligências para o estabelecimento da sede arquiepiscopal de Goa e sobre o rumo que pretendia dar ao trabalho pastoral no Oriente.

A «Tavoada do que se contém neste livro» anuncia, à partida, uma particularidade deste compêndio de doutrina destinado à Cristandade de Goa:

«Em dous estados se divide esta obra, estado do pecado mortal, e estado de graça: o qual compreende quatro partes. A primeira trata da Doctrina Cristã; a segunda dos pecados; a ter-

---

<sup>2</sup> Gaspar de LEÃO, *D. Gaspar, Archiepiscopus Goanus, D. Sebastiano, Regi Lusitanae*, Goa, 20 de Novembro de 1561, in *Documenta Indica* (J. Wicki), Roma, 1948-1980, V, 228-231.

ceira dos remédios contra eles; a quarta da oração e perfeição spiritual, com devotos exercícios»<sup>3</sup>.

Ora, é precisamente na quarta parte do *Compêndio* que encontramos, a partir do fólio 162r, os capítulos «Da via unitiva», «Das achegas pera o amor unitivo», «Do amor unitivo», «Do exercício das aspirações amorosas», «Dos quatro ramos da árvore das aspirações», «Do segundo exercício do nome de Jesu», «Do exercício do fazimento de graças». Gaspar de Leão apresenta, assim, a todos os fiéis, a via unitiva das aspirações ora como complemento da via purgativa e iluminativa, ora como via única não intelectual, que permite aos fiéis de qualquer condição social aceder ao mais elevado conhecimento das coisas divinas:

«O segundo modo é não pelas criaturas, sentido e pensamento do entendimento, mas pela conversação e comunicação da vontade com Deus, sem criaturas e meio, tratando com ele amorosa e familiarmente como se tratam dous amigos. Esta é a altíssima sabedoria que do Céu trouxe nosso amado e dulcíssimo Jesu escondida e não conhecida dos sábios do mundo, manifesta aos símplices e humildes, pelo qual dava graças ao padre, dizendo: ‘Graças vos dou, eterno pai, Senhor do Céu e da terra, que encobristes este divino saber aos prudentes sábios do mundo e os manifestastes aos pequenos e humildes’.

Este caminho e modo é nobilíssimo, porque só o espírito Santo é mestre e preceitor dele, é proveitoso, porque é atalho brevíssimo do Céu; é tão comum e fácil a todos que qualquer moça e velhazinha em breve tempo alcançará de Deus muita sabedoria e, finalmente, é tão suave e gostoso que parece impossível tornar atrás o que por esta via goza dos deleites e suavidade do Senhor, porque a conversação e familiaridade de cada dia faz crescer o amor e gostos de Deus»<sup>4</sup>.

Assim, após a exposição dos rudimentos da doutrina católica e a explicação das orações principais, o autor exorta o leitor à via do amor unitivo pela prática das aspirações. A fonte principal é a mesma que Gaspar de Leão seguirá no *Desengano de Perdidos*: o *Directório de Contemplativos* de Henrique Herp. Baseando-se nesta obra, Gaspar de Leão apresenta resumidamente a imagem dos quatro ramos das aspirações: oferecer, pedir, conformar e unir.

<sup>3</sup> Gaspar de LEÃO, *Compêndio Spiritual da Vida Cristã*, Coimbra, 1600, Av.

<sup>4</sup> Gaspar de LEÃO, *Compêndio Spiritual*, 162r-162v.

Publicado doze anos após o *Compêndio Spiritual*, o *Desengano de Perdidos* é um texto bem mais complexo, onde as enunciações da via unitiva surgem de forma mais elaborada. Composto por três partes, o *Desengano de Perdidos* apresenta-nos, em termos gerais, um diálogo de conversão e de edificação espiritual, em que vão sendo abordados variados temas históricos, culturais e religiosos. Na primeira parte, os interlocutores são um Cristão e um Turco que debatem temas políticos e religiosos. Por motivo da conversão do Turco, os interlocutores transformam-se em «Mestre» e «Discípulo». Na segunda parte, assistimos à exposição de uma alegoria moral: a «Galé spiritual», que compara cada parte da galé material com elementos do caminho espiritual do fiel cristão. No capítulo XXIX, lemos:

«O Masto na Galé material é grande ajuda e na spiritual é a mores das achegas: esta é a oração, sem a qual toda a Galé manca e se torna mais zorreira que uma orraquenta. Este Masto propriamente significa a oração e exercício do amor unitivo, que é o principal Rumo que a Galé há de levar, como depois verás quando quiseses dar à vela e Remo. Por esta razão é o Masto pera o Céu direitíssimo, no qual não pode ser significado o Rumo que dizem da via Scolástica, porque esta vai torcida e nordestea muito, porque vai a Deus por via das criaturas, a qual via iluminativa e scolástica está significada no Banco e Tamboretas onde o masto se afirma, porque, na verdade, o princípio da unitiva é a via Scolástica, pois não pode nossa vontade voar sem o intendmento lhe dar lume e conhecimento de Deus, pera o qual basta o que a fé no insina. Este masto pois da via unitiva é direito, no cabo do qual está a Gávea, onde o Senhor Jesu está assentado, onde vão parar todas as setas das fervorosas aspirações, como depois verás na terceira parte»<sup>5</sup>.

A terceira parte do *Desengano de Perdidos* é constituída por um tratado espiritual que prolonga o diálogo entre Mestre e Discípulo. Glosando o *Directorio de Contemplativos* de Henrique Herp, Gaspar de Leão prolonga de forma mais contundente a sua apologia da via mística do amor unitivo:

«Esta é aquela via nobilíssima, por só Deus ser a guia principal, e sobre todas utilíssima aos homens, porque qualquer leigo e uma velhazinha, andando por esta via em breve tempo, poderá

---

<sup>5</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, Goa, 1573, 95r-95v.

receber de Deus mor conhecimento experimental das verdadeiras virtudes e de quanto convém à salvação, que quantos Doutores do Mundo podem alcançar per sua sabedoria natural e ciências aquiridas. Pelo que, ouvindo Santo Agostinho as maravilhosas obras dos Santos símplices de Egipto, disse exclamando: ‘Ale- vantam-se os idiotas e, com sua simplicidade, escalam os Céus, e nós, com nossas ciências carregados, somos submergidos no Inferno’. Este é o verdadeiro atalho pera o Céu e, sendo atalho, é mais copioso, fácil e suave que todas as estradas, porque não tem necessidade de Salamanca, nem Paris, nem de subtileza do intendimento, porque basta o lume e conhecimento da fé, como diz São Boaventura»<sup>6</sup>.

Esta apologia destina-se a todos os estados da Cristandade:

«É verdade que, como fez Deus uns homens mais ligeiros que outros, assi há estados – como diz São Paulo dos casa- dos – menos expedientes que outros, pelo que obriga Deus a todos que caminhemos pelo caminho do seu amor, sem o qual os mandamentos se não podem guardar, mas não obriga que todos corramos. Corram os mais desocupados, e quem não pode correr choute, e quem não pode choutar ande, e quem não pode andar passeie, e quem não pode passear assente-se, porque esta é a excelência do amor unitivo que, assentado, deitado e nego- ceando, pode alcançar e ainda levar a dianteira a muitos correos. [...] Eu conheço oficiais mecânicos que fazem muita ventagem neste amor a muitos religiosos, não lhe impedindo seu pobre ofício»<sup>7</sup>.

Nestas proposições, ecoa o evangelismo de Frei Luís de Granada, mas também o voluntarismo próprio da perspectiva franciscana, tão importante nas descrições da via do amor unitivo tal como Henrique Herp o formulara e Francisco Ossuna e Bernardino de Laredo glosaram.

No contexto goês, o entusiasmo destas proposições adquire contornos particulares. A idealização de uma «Roma do Oriente», distante de uma Europa Católica assolada pela Reforma e pela guerra entre príncipes cristãos, permitira aos missionários o sonho de uma Cristandade renovada. A fundação do con-

---

<sup>6</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, 156r–156v.

<sup>7</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, 186r–186v.

vento de frades recolectos na zona de Daguim, levada a cabo por D. Gaspar, viria a evidenciar essa esperança de um aprofundamento das práticas piedosas no Oriente. Perspectivava-se, assim, uma comunidade cristã que, não sendo totalmente estabelecida de raiz, devia conceder à missão uma sólida base de apoio, integrando o catecumenato e as confrarias e fornecendo, com a sua devoção, um exemplo irrepreensível. Todavia, a articulação deste propósito com a conversão dos «gentios» nem sempre é clara.

Ao chegar ao Oriente, em 1542, a Companhia de Jesus introduzira novas estratégias e novos métodos de evangelização e de conversão. A ação enérgica e empenhada dos missionários inacianos caracterizar-se-ia por uma maior flexibilidade dos procedimentos e uma maior adaptabilidade às condicionantes culturais e linguísticas envolventes. Os baptismos em massa substituíram, de certa forma, os métodos mais vagarosos que caracterizaram a evangelização das primeiras décadas da presença portuguesa no Oriente.

Por outro lado, os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola forneciam às comunidades de cristãos velhos um quadro esquemático e rigoroso de aprofundamento das práticas espirituais, que tinha a aprovação de Roma.

Em estudos anteriores<sup>8</sup>, tivemos oportunidade de abordar a controvérsia entre os padres inacianos do colégio de S. Paulo de Goa e o arcebispo D. Gaspar de Leão sobre os baptismos em massa.

Foi, portanto, neste contexto que o primeiro arcebispo de Goa elaborou a sua apologia da via unitiva. Pouco se sabe sobre a possível repercussão das duas obras em apreço – *Compêndio Spiritual da Vida Cristã* e *Desengano de Perdidos* – junto da Cristandade no Oriente ou em Portugal. É sustentável que elas tenham tido uma circulação muito reduzida, que se limitava a religiosos e leigos de devoção franciscana. A inclusão do *Desengano de Perdidos* no *Index* de 1581 terá certamente contribuído para o afastamento desta obra do universo cultural e religioso português durante quase quatro séculos. Quanto ao *Compêndio Spiritual*, apenas sabemos que teve uma segunda edição em Coimbra, em 1600.

Pretensamente dirigidos a um público amplo, estes textos demonstram, todavia, uma perspetivação da oração que só poderia ser acompanhada e compreendida por um público, por assim dizer, “especializado” ou familiarizado com os termos da via mística, neste caso, de feição franciscana. Ao contemplarem não só uma apologia da oração mental, mas também algumas considerações sobre

---

<sup>8</sup> Ricardo VENTURA, *D. Gaspar de Leão e o Desengano de Perdidos: estudo histórico-cultural*, dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006; *Estratégias de conversão ao tempo de D. Gaspar de Leão, primeiro arcebispo de Goa – Reconstituição histórica de uma controvérsia*, in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII – Espiritualidade e Cultura*, *Actas do Colóquio Internacional*, Porto, vol. II, 505-518.

a prática das aspirações, o *Compêndio Spiritual* e, sobretudo, o *Desengano de Perdidos* diferenciam-se visivelmente de textos como os catecismos de Canísio ou a *Cartilha* de João de Barros, que tiveram maior circulação.

Em ambos os textos, após a distinção entre oração mental e vocal, Gaspar de Leão acrescenta uma breve definição de oração. Aqui, os textos apresentam diferenças manifestas, correspondendo a diferentes fontes, diferentes momentos da vida do autor, diferentes públicos ou diferentes intenções.

Lemos, no *Compêndio Spiritual*:

«Oração é um alevantamento d'alma a Deus, no qual lhe pedimos remédio das necessidades que lhe manifestamos»<sup>9</sup>.

No *Desengano de Perdidos*:

«A outra companheira da meditação é a oração, que, segundo Hostiense, é um piadoso afeito d'alma endereçado a Deus, que muitas vezes rebenta exteriormente em palavras, pera evitar a preguiça do espírito»<sup>10</sup>.

A definição que lemos no *Desengano de Perdidos* difere substancialmente da definição mais consensual presente no *Compêndio Spiritual*, ligando a oração à meditação e equiparando-a à prática das aspirações. De acordo com esta perspectiva, as aspirações são indissociáveis da via do amor unitivo e correspondem a um momento orante excessivo; em suma, são o excesso vocal da oração mental, ou a manifestação exterior do processo espiritual interior, e provam, sob o ponto de vista do autor, a unidade entre oração mental e vocal.

Quanto a este aspecto, a definição que Frei Luís de Granada apresenta no seu *Livro da Oração* é clarificadora:

«Oración, propriamente hablando, es una petición que hacemos a Dios de las cosas que convienen para nuestra salud. Mas tórnase también oración, en otro sentido más largo, por cualquier levantamiento del corazón a Dios; y según esto, la meditación y la contemplación, y cualquier otro buen pensamiento se llama también oración»<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Gaspar de LEÃO, *Compêndio Spiritual*, 125v.

<sup>10</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, 138v-139r

<sup>11</sup> Frei Luis de GRANADA, *Libro de Oración* (ed. Teodoro H. Martín), Madrid, 1999, 3.

A oração é assim apresentada como uma prática indissociável da meditação e do caminho para a perfeição e afastada da sua componente litúrgica e comunitária. Em ambos os textos, a oração é remetida para o domínio privado, individual e extra-litúrgico.

No *Livro de doutrina spiritual*, de Francisco de Sousa Tavares, essa indistinção entre oração e meditação é demonstrada textualmente. Ao discorrer sobre a «vida spiritual», o autor indica:

«(...) mas nem este e muito mais os outros nos não são em tantos lugares encomendados e mandados com tanta perseverança e continuação na scitura como a vida spiritual? Umas vezes chamando-a pelo próprio nome, e outras vezes caridade, e outras oração, e outras chegar a Deus, e outras o amor, e outros nomes...»<sup>12</sup>

Trata-se de um discurso que tende mais evidentemente para o incentivo à prática espiritual do que para a sua enunciação com rigor terminológico e doutrinal. Outro exemplo deste tipo de discurso pode ser encontrado nos *Trabalhos de Jesus*, de Frei Tomé de Jesus, onde o excesso emotivo e poético das jaculatórias excede largamente o rigor doutrinal das proposições apresentadas.

A prescrição de uma prática oracional e meditativa reclamava, portanto, um discurso prático e imaginativo que se adaptasse ao entendimento da generalidade dos fiéis. No *Desengano de Perdidos*, Gaspar de Leão tenta conjugar um tom coloquial com a exposição de matéria religiosa – que recorda, entre outros textos, o *Enquiridion* de Erasmo –, recorrendo a um vocabulário proveniente da língua oral e procurando clarificar os conceitos através do uso de imagens. Tal como Asensio registou, ao comentar o discurso de Gaspar de Leão: «En punto al vocabulário especial de la vida religiosa, observamos en el *Desengano* una creciente variedad, un progressivo acercamiento al habla cotidiana»<sup>13</sup>.

O *Desengano de Perdidos* prolonga e adapta estratégias discursivas e retóricas comuns na literatura piedosa, mas não dispensa também a introdução de elementos provenientes da vivência em Goa e da sua prática pessoal<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> Gaspar de LEÃO, *Livro de doutrina spiritual*, 69v.

<sup>13</sup> Eugenio ASENSIO, in Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, Coimbra, 1958, CVI.

<sup>14</sup> Igualando o exercício do nome de Jesus ao exercício do amor unitivo, Gaspar de Leão prescreve a permanente memoração desse nome e a presentificação dos seus benefícios. Na *Conquista Espiritual do Oriente*, de Frei Paulo da Trindade, lemos: «Era notável a devoção que tinha ao Santíssimo Nome de Jesus do qual rezava todas as semanas do ano uma vez todo o seu officio assim nocturno como diurno, além do Offício Divino em o mesmo dia em que ele caía aquele ano, o qual todo rezava de geolhos, e dizia a missa da mesma festa; e este costume guardou sempre enquanto viveu. Era tanta a suavidade

Nesse intuito, até mesmo a música profana poderia fornecer uma ajuda preciosa:

«Não é pequena ajuda a música: se o principiante for inclinado a ela, grandemente será ajudado, não somente no Coro dos louvores divinos, onde as mesmas setas e aspirações lhe vem à mão, mas ouvindo música profana, furtando o corpo à letra, fazer logo outra ou mudando o fim, como ouvindo: “Saudade minha, quando vos veria?”, diga ele também a Deus: “Ó saudade minha, quando vos amaria?”, e assi mil maneiras que neste caso o espírito alevantará, e as aves e todas as criaturas Lho lembrarão; então entenderá com quanta razão diz Santo Agostinho, falando com Deus: “Senhor, todas as cousas me convidam e espertam a Vos amar”»<sup>15</sup>.

Enlaçando elementos do real e do quotidiano com os motivos solenes da prática meditativa, Gaspar de Leão sugere a transformação ou «alquimia» de todas as coisas profanas no coração do homem, através das aspirações, exercício que constituía a ajuda principal para união e aparelhamento à vontade divina:

«Ajuda muito, pera todo este exercício, converter o homem quanto lhe entre pelas portas dos sentidos em amorosas aspirações, e deve o principiante trabalhar com muita vigilância costumar-se apreender esta secreta alquimia. Como a abelha não somente das boas e cheirosas flores, mas do mato e esterqueira faz mel, convertendo tudo quanto leva ao cortiço em doçura, assi a abelha spiritual quanto lhe entra pelos sentidos deve converter em amor, não somente das virtudes, mas dos mesmos pecados»<sup>16</sup>.

---

e alegria que sua alma sentia da familiaridade com este Santíssimo Nome, pelo hábito que neste exercício tinha feito, que não o podia nomear, nem ainda ver escrito, que logo seu espírito não rebentasse com divino afectos, mostrando no exterior o que interiormente sua alma sentia, e isto quer fosse em secreto, quer em público, porque não estava em sua mão reter ou encobrir os tais sentimentos; mas, como bêbado do divino amor, lhe era forçado manifestar o que ele muito trabalhava por encobrir.», in Frei Paulo da TRINDADE, *Conquista Espiritual do Oriente* (Félix Lopes, O.F.M), Lisboa, I, 216.

<sup>15</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, 166v.

<sup>16</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*, 166r.

O talante realista e prático pós-tridentino, bem como a clara intenção pedagógica e divulgativa, são coordenadas fundamentais dos textos místicos deste período.

Integrado na linha de espiritualidade dos autores que acima identificámos – Enrique Herp, Francisco de Ossuna e Frei Luís de Granada –, a peculiaridade do *Desengano de Perdidos* pode assim encontrar-se na sugestão, à Cristandade de Goa, de um vasto conceito de oração, que contemplava a prática meditativa e a via das aspirações, num contexto em que as necessidades pastorais exigiam, pelo contrário, uma conversão rápida dos «gentios» aos preceitos elementares da fé cristã e a manutenção de uma prática devocional exemplar, que não suscitasse dúvidas junto dos cristãos-velhos.

Ricardo Ventura

### **Abstract**

By integrating the written works of D. Gaspar de Leão, the first archbishop of Goa in the context of the spiritual literature of the 16<sup>th</sup> century, which sustained the spread of the unitive ways among all social states, this study will seek to explore the specificity of the concept of prayer it contains. In a brief analysis of the discursive strategies employed in these texts, their highly practical and creative dimension is highlighted, tending to make the concept of prayer more flexible and wide-reaching. In the oriental setting, this apology of a practice of prayer unavoidably associated with the unitive ways acquires peculiar contours, which make the works of D. Gaspar de Leão particularly interesting when studying the missionary and pastoral action of the Portuguese “Padroado” (Patronage) of the East.